



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

**A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR COMO TEMA DA PRODUÇÃO DO
CONHECIMENTO: UMA ANÁLISE DA REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS
DO ESPORTE (1980-2010)**

Valter Bracht
Bruno de Almeida Faria
Cláudia Emília Aguiar Moraes
Erivelton Souza Fernandes
Felipe Quintão de Almeida
Filipe Ferreira Ghidetti
Ivan Marcelo Gomes
Maria Celeste Rocha
Thiago da Silva Machado
Ueberson Ribeiro Almeida
Vinícius Martins Penha

Resumo: Apresentamos uma análise da produção do conhecimento sobre Educação Física Escolar veiculada na *Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE)*. As análises empreendidas se reportam a categoria Fundamentação. Nesta categoria, foram discutidas as principais problematizações, orientações teóricas, perspectivas metodológicas que norteiam os estudos publicados, bem como o que eles apontam a partir dos resultados como perspectivas e indicações. Destacamos a crescente pluralidade das abordagens teóricas, um maior equilíbrio entre estudos ensaísticos e pesquisas empíricas e, ainda, a presença e a influência, agindo como pano de fundo da produção do conhecimento sobre esse tema, do chamado Movimento Renovador da Educação Física brasileira.

Introdução

Desde fevereiro de 2010, desenvolvemos uma investigação cuja intenção foi realizar um mapeamento e uma avaliação, de caráter quantitativo-qualitativo, da produção do conhecimento sobre o tema Educação Física Escolar publicado em periódicos nacionais, uma espécie de “estado da arte” do conhecimento produzido sobre essa disciplina nos últimos trinta anos. Foram selecionadas nove das principais revistas da Educação Física brasileira (*Revista Brasileira de Ciências do Esporte [RBCE]*, *Movimento*; *Revista da UEM*, *Pensar a Prática*, *Motrivivência*, *Motriz*, *Ciência e Movimento*, *Motus Corporis*, *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte [RBEFE]*). Consideramos, também, como critério de escolha, que a amostra contemplasse veículos que tratam a temática a partir de diferentes perspectivas teóricas. Nesse sentido, não incluímos, em nossas análises, periódicos explicitamente disciplinares, por exemplo, a *Revista Brasileira de Biomecânica* e a *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano*.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Estabelecida a amostra dos periódicos, passamos à fase de triagem dos artigos. Primeiramente, essa seleção foi realizada a partir da leitura dos títulos, seguida de uma leitura dos resumos dos artigos selecionados. Por meio desse levantamento, foi-nos possível dividir os artigos em quatro categorias gerais, assim distribuídas: *Fundamentação*, *Intervenção*, *Diagnósticos/descrições* e *Outros*. Essas categorias foram construídas em função do que identificamos nas próprias revistas (nossas fontes). A estratégia, assim, vai de encontro a determinadas perspectivas epistemológicas que, ao tomarem em consideração um determinado objeto de estudo, o abordam com as categorias de análise previamente já construídas. O melhor exemplo é a sobejamente conhecida classificação epistemológica que organiza as pesquisas da Educação Física em três grandes vertentes: empírico-analítica; fenomenológico-hermenêutica; crítico-dialética.¹

Neste artigo, interessou-nos apenas os artigos que compõem a categoria *Fundamentação* publicados na RBCE. Os artigos assim classificados dizem respeito àqueles que buscam lançar os alicerces teóricos para a construção de uma determinada Educação Física Escolar. São trabalhos que, mais do que esboçar um projeto de intervenção, procuram, por meio de distintos referenciais, fornecer e/ou problematizar as bases teóricas sobre as quais a prática pedagógica dessa disciplina deve ser/é construída, assim como questionar, além disso, aspectos fundantes de elementos que a perpassam, por exemplo, os conteúdos de que trata.

Perspectivou-se realizar uma análise a partir dos textos completos. Uma estratégia que foi privilegiada, na leitura dos 91 artigos dessa revista previamente selecionados, foram aspectos como: as perspectivas metodológicas, as temáticas predominantes nesse período, as problematizações mais recorrentes, as orientações teóricas ou os autores mais utilizados, as principais perspectivas/resultados/indicações etc. que configuraram e hoje configuram a produção do conhecimento sobre a Educação Física Escolar.

A produção em torno dos Fundamentos da Educação Física escolar

Considerando a produção no âmbito da categoria dos Fundamentos da Educação Física escolar, observamos, em termos de **orientações teóricas**, o predomínio, na década de 1980, da teoria marxista, seja por meio da pedagogia histórico-crítica, seja por meio do próprio Marx (ou autores que continuam essa tradição) ou, então, graças a autores da própria EF que incorporaram as categorias/conceitos marxistas de interpretação. Quando consideramos as revistas, na RBCE, por conta do maior número de publicações nos anos 1980, é onde essa característica prevalece.

Na década de 1990, a tradição marxista começa a perder sua hegemonia, em virtude do crescimento de outras perspectivas teóricas. Isso não significou, nessa década, que o número de textos orientados no marxismo tenha diminuído, mas, sim, que outras perspectivas e autores passaram a fazer parte de forma mais significativa da paisagem acadêmica. Apesar de outros autores serem trazidos ao debate, não é possível

¹ Outras informações sobre a construção dessas categorias, e dos pressupostos epistemológicos que embasam as reflexões do artigo, podem ser obtidas em Bracht et al. (2011, 2012).



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

afirmar o estabelecimento de uma tradição ou uma “escola” nos estudos de EF escolar, com base nesses “novos” autores ou perspectivas (como foi possível afirmar, na década anterior, no caso do marxismo; isso talvez possa ser encontrado apenas nos anos 2000). De qualquer forma é cada vez mais frequente, nos artigos dos anos 1990, a presença de autores como Foucault, Habermas, Adorno, Merleau-Ponty, Geertz, Bourdieu, Nietzsche, Boaventura de Souza Santos, teóricos do gênero, teóricos que discutem o tema da saúde etc. Essa supremacia se desfaz na década posterior, seguindo o que acontece nas outras revistas.

Nos anos 2000, a diversidade teórica, que se acentua a partir de meados dos anos 1990, se intensifica ainda mais. Consolida-se a presença de autores que começaram a ser citados nos anos anteriores. O marxismo, antes predominante, é somente mais uma perspectiva a fundamentar os artigos publicados na RBCE.

No tocante às referências teóricas observamos ainda a existência de artigos que: 1) Não assumem uma perspectiva teórica principal, mas que trabalham com referências diversas, algumas das quais dissonantes entre si; 2) Só dialogam com autores da EF, especialmente aqueles que se destacaram a partir do Movimento Renovador (CAPARROZ, 2001). Esse diálogo e essas referências internas ao campo não se constituem num problema em si, embora encerrem o risco de perpetuar interpretações problemáticas; 3) Incorporam referências teóricas ligadas a temas específicos. Por exemplo: história das disciplinas escolares, cultura escolar, história de vida dos professores, EF na educação infantil (pedagogia da infância), saúde na EF escolar, etnografia, etnometodologia etc; 4) Indicam a grande influência que o campo pedagógico mais amplo exerceu sobre a produção da área. Isso não significa que não existam outras influências, mas, para a perspectiva crítica, nas décadas de 1980 e 1990, a influência básica é da discussão do campo pedagógico. Isso é verificável desde a presença que a pedagogia histórico-crítica (Dermeval Saviani, José Carlos Libâneo) teve entre os intelectuais da área, passando por autores como Moacir Gadotti, Luis Carlos Freitas, Paulo Freire e, mais recentemente (sobretudo a partir dos anos 2000), Maurice Tardif, Donald Schön, Perrenoud, Antônio Flávio Moreira, Tomaz Tadeu da Silva, Bernard Charlot, Dominique Júlia, André Chervel, etc.

O que se observa é que, na década de 1980 e mesmo na de 1990, o diálogo dos autores do campo da EF com as teorias de base (filosóficas, sociológicas) se dava, predominantemente, por intermediação do campo da educação (CAPARROZ, 2001; OLIVEIRA, 2001). Isso se deveu, para além do fato óbvio da afinidade temática, por muitos professores de EF que atuavam no ensino superior, realizarem sua pós-graduação (mestrado e doutorado) nos programas daquela área. Pode-se atribuir esse fato também à “juventude teórica” de nosso campo, que estava apenas começando o diálogo com a tradição filosófica e sociológica. Essa intermediação, do campo da educação, continua (e é positivo), mas pode-se perceber um crescente diálogo direto com os autores seminais das ciências humanas. Talvez isso possa indicar que estejamos caminhando na direção de um maior rigor teórico e conceitual dos nossos estudos. No entanto, é bastante comum encontrar-se referências teóricas dispersas e superficiais que acabam caracterizando um ecletismo no mau sentido do termo.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Em termos da **metodologia dos estudos**, é possível afirmar o forte predomínio do “ensaio”, tanto na dimensão cronológica quanto em relação às revistas.

No entanto, o recurso ao ensaio não significa homogeneidade metodológica. É possível identificar ensaios eminentemente teóricos, ensaios nos quais se utilizam exemplos do cotidiano escolar e apoio documental. Isso, talvez, até os descaracterize como “ensaio como forma”, mas desenvolveu-se, no campo, com essa característica. Vale dizer que em grande parte desses textos, os autores não assumem ou explicitam essa opção metodológica.

Em relação a esse eixo da análise, e a despeito do predomínio do ensaio, acontece um fenômeno semelhante ao verificado no eixo anterior. Os anos de 1990 e 2000 apresentam uma variedade um pouco maior de metodologias de estudo. Destacam-se, além dos ensaios, os relatos de experiência, os estudos com base em pesquisa documental, bibliográfica, teórica, histórica, as pesquisas de campo com caráter descritivo, etnografias, as análises cienciométricas, pesquisa-ação, estudos de caso etc.

No que diz respeito às **principais problematizações**, elas se modificam ao longo das três décadas. Nos anos de 1980, e considerando o debate instalado em torno da crise identitária da EF escolar, as principais problematizações, nessa categoria, giram em torno: 1) da necessidade de a EF estabelecer outra relação com o esporte (considerado alienante), pois, do contrário, estaria contribuindo para a manutenção do *status quo* na sociedade capitalista; 2) da necessidade de os professores de EF se engajarem em processos educativos que levem à formação de cidadãos críticos no plano das práticas corporais de movimento; 3) do lugar da EF no interior da escola e seu papel na transformação social pretendida; 4) da necessidade de a EF e seus professores se aproximarem do saber científico, já que a prática seria “espontaneísta” e, portanto, sem rigor; 5) da função da EF no mundo do trabalho capitalista;

Duas características marcam esses artigos: por um lado, o tom de denúncia em relação ao que a EF vinha sendo na escola (seu caráter alienante e reprodutor), o que evidencia o caráter fundamentalmente desconstrutivo das análises, por outro, a pouca preocupação em sistematizar propostas didático-pedagógicas no sentido do “como fazer” para mudar o quadro existente. Essas duas características permanecem até meados dos anos 90, neste sentido, ao adentrarmos a década de 1990, esta passa a ter uma crescente preocupação em torno: 1) da discussão epistemológica da EF. A necessidade, já identificada na década anterior, de a EF se aproximar mais da ciência é ressaltada nos debates desse momento. Temas como objeto de estudo, razão moderna, a EF como ciência etc. compõem o cenário de então; 2) da relação entre a EF escolar e o paradigma da promoção da saúde/Atividade Física Relacionada à Saúde (AFRS) -- inúmeras críticas são direcionadas a essa perspectiva; 3) das muitas propostas de fundamentação do ensino (metodologias) da EF escolar: seus limites e possibilidades; 4) da presença de temas “novos”, como por exemplo: o debate sobre a presença da EF na educação infantil, as questões de gênero nas aulas de EF, o tema da inclusão na escola, a polêmica da regulamentação da profissão.

Ainda nessa década (1990), o caráter mais teórico-conceitual da discussão predomina, mas já é possível identificar algumas ponderações críticas sobre essa característica da produção. Por exemplo, isso é visível em alguns comentários sobre a



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

dificuldade que os professores de EF têm em compreender o discurso crítico que vinha sendo elaborado desde a década anterior; é notório nas considerações de que não basta à EF ser um discurso crítico sobre a cultura corporal, mas que as propostas críticas só se efetivarão quando se traduzirem em propostas concretas de intervenção etc. Soma-se a isso o fato de, cada vez mais, uma tendência se manifestar nos artigos dessa categoria, ou seja, seus textos indicam a necessidade de realizar a discussão na EF escolar considerando concretamente o “chão da escola”, o cotidiano escolar e aqueles que são os responsáveis por suas principais ações: os professores.

Na década de 2000, aos poucos, afirmam-se na produção acadêmica da EF posturas teóricas que conferem maior relevo ao cotidiano, às ações concretas dos agentes sociais. A tônica é a crítica aos estruturalismos de outrora. Nesta esteira, temas até então marginais passam a ocupar o palco central: a prática docente, identidade docente, epistemologia da prática, vida de professor, a cultura escolar, professor reflexivo etc. Outros, até então ausentes, também aparecem: questões de gênero, raça, o multiculturalismo. Não surpreende, como indicam as referências principais do quesito **orientações teóricas**, a presença de autores que valorizam esse tipo de consideração.

As **Principais perspectivas de resultados, indicações e apontamentos** expressam conclusões das problematizações levantadas. Por exemplo, quando se faz, em especial nos anos 1980, a denúncia do que a EF escolar vinha sendo nas escolas, indica-se a urgência de seus professores se engajarem em processos educativos que levem à formação de um aluno crítico e sensível à sua realidade. Ou, então, quando consideramos a crítica endereçada à relação entre a EF escolar e o esporte, a denúncia é acompanhada da expectativa de que fossem desenvolvidas práticas educacionais em que os princípios burgueses do esporte moderno (recorde, alto-rendimento, competição) fossem atenuados ou transformados em favor de outros valores, como a solidariedade, a colaboração, a participação, a educação, etc., que seriam mais afeitos aos objetivos da instituição educacional comprometida com os valores da classe trabalhadora.

O mesmo se observa nas décadas de 1990 e 2000. Assim, se uma problematização foi feita envolvendo a relação entre a EF escolar e sua fundamentação na perspectiva da promoção da saúde/AFRS, indica-se a premência de se ampliar a compreensão da saúde além da dimensão biológica, incorporando outros fatores necessários à problematização desse complexo fenômeno.

A mesma estratégia pode ser verificada a respeito das problematizações (feitas a partir dos anos 1990 e intensificada nos anos 2000) da relação entre EF e educação infantil ou, então, daqueles artigos que problematizavam o distanciamento das produções acadêmicas sobre a EF escolar em relação à EF “viva”, aquela que acontece no interior das escolas.

Não é de se estranhar muitos artigos publicados, nos anos 2000, chamando atenção para a necessidade de: pragmatizar as teorias pedagógicas; repensar a relação entre a teoria e a prática; diminuir o hiato entre universidade e escola; dedicar mais atenção às questões didáticas, etc. Podemos dizer que se a produção nos últimos anos reflete as necessidades ou a demanda da prática, então, esta está centrada fortemente na questão da construção e implementação de inovações pedagógicas no sentido de uma pedagogia crítica em EF; dito de forma mais pontual, a questão que demanda os maiores



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

esforços é a de como realizar uma prática pedagógica progressista ou crítica em EF. Esta questão é seguida/complementada pela discussão dos fundamentos, dos princípios pedagógicos que a devem orientar. Por fim, destaca-se a compreensão, cada vez mais frequente, de que é a cultura a referência norteadora da EF escolar.

Referências

BRACHT, V. et al. A Educação Física Escolar como tema da produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010): parte I. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, p. 11-34, 2011.

BRACHT, V. et al. A Educação Física Escolar como tema da produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010): parte II. **Movimento**, v. 18, p. 11-37, 2012.

CAPARROZ, F. E. **Entre a educação física na escola e da escola**. São Paulo: Autores Associados, 2001.

OLIVEIRA, M. A. T de. **A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968-1984) e a experiência de professores da rede municipal de ensino de Curitiba: entre a adesão e a resistência**. 2001. 399 f. Tese (Doutorado em Educação: história e filosofia da Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2011.